

O JORNALISMO DECLARATÓRIO COMO PRÁTICA: uma análise a partir da cobertura política digital local ¹ DECLARATORY JOURNALISM AS PRACTICE: an analysis based on local digital political coverage

Arthur Silva de Araújo ²

Resumo: O artigo apresenta os principais resultados de tese de doutorado que buscou identificar como a existência de um jornalismo considerado declaratório está relacionada a elementos da prática profissional. Foi realizada pesquisa de abordagem etnográfica, utilizando técnicas de observação participante e entrevistas em profundidade com profissionais responsáveis pela cobertura política de dois produtos digitais paraibanos. Buscamos constatar ideias, hábitos, procedimentos e modos de fazer cristalizados no cotidiano dos profissionais, que se manifestam no momento de coletar, selecionar, tratar e publicar declarações de fontes pessoais de informação. Como resultados, apontamos 16 elementos inerentes à reflexividade, atividade, materialidade e relações de poder, identificados como estreitamente relacionados à forma como os veículos noticiam declarações. O artigo também defende o jornalismo declaratório enquanto prática ativa e intencional, fazendo distinções quanto à sua alegada passividade.

Palavras-Chave: Jornalismo declaratório. Práticas profissionais. Citação.

Abstract: The paper presents the main results of a doctoral thesis that sought to identify how the existence of declaratory journalism is related to elements of professional practice. Ethnographic research was conducted using participant observation techniques and in-depth interviews with professionals responsible for political coverage of two digital products in Paraíba. We sought to identify ideas, habits, procedures, and ways of doing things that are crystallized in the daily lives of professionals, which manifest themselves when collecting, selecting, processing, and publishing statements from personal sources of information. As a result, we identified 16 elements inherent to reflexivity, activity, materiality, and power relations, identified as closely related to the way in which media outlets report statements. The article also defends declaratory journalism as an active and intentional practice, making distinctions regarding its alleged passivity.

Keywords: Declaratory journalism. Professional practices. Quoting.

1. Introdução

Este artigo apresenta as principais conclusões da tese intitulada “A declaração no jornalismo e o jornalismo declaratório: o lugar das declarações na cobertura política digital

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA. E-mail: arthurs.a@hotmail.com.

local a partir da prática profissional”, defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA em dezembro de 2025. A tese teve como objetos de estudo o trato da declaração de fontes de informação pelo jornalismo e o fenômeno que convencionou-se chamar de jornalismo declaratório, sendo seu objetivo principal a identificação de elementos da prática profissional que levassem à produção de um jornalismo entendido como declaratório.

Como instituição socialmente legitimada para dar a saber sobre as questões da atualidade (Bavaresco, 2025), é natural que o jornalismo passe por vigilância e crítica constante da sociedade. Essa cobrança se intensifica em contextos sociais conturbados. O Brasil vive, atualmente, um quadro de acirrada polarização política (Ortellado, Ribeiro e Zeine, 2022), reforçada pela recente chegada de uma direita radical³ ao Poder Federal. As estratégias discursivas da direita radical populista brasileira passam pela circulação de desinformação (Regattieri, 2023), discursos baseados na ideia de “nós contra eles” (Prado et al, 2022) e que instigam o medo (Mangerotti, Ribeiro e González-Aldea, 2021), vitimização e denúncia de perseguição política (Lepri e Baltar, 2023), além do discurso de ódio, principalmente ódio político-partidário, sexista, LGBTfóbico e xenofóbico (Silva, Sampaio e Botelho-Francisco, 2021).

Nesse contexto, a forma como as declarações são mediadas pelo jornalismo acaba ganhando atenção social específica, culminando na conformação de uma expressão que indica uma nova prática: o jornalismo declaratório. Este costuma ser tratado como uma abordagem passiva (Vázquez Bermúdez, 2006; Kovach e Rosentiel, 2010), onde as declarações dadas pelas fontes são simplesmente retransmitidas pelos jornalistas, sem a mediação adequada e sem que sejam desafiadas ou colocadas em perspectiva. O jornalismo funcionaria, portanto, como um difusor das opiniões e visões de mundo destas fontes. Por meio do jornalismo declaratório, acredita-se, as declarações poderiam afetar o modo como o público apreende a realidade e, assim, interferir no debate público. Esta prática poderia influenciar, convencer, naturalizar absurdos ou aglutinar apoiadores em torno de determinadas ideias não democráticas e republicanas.

³ Mudde (2007) se refere, por “direita”, à crença na ordem natural com desigualdades sociais, enquanto “radical” é definido como a oposição aos valores fundamentais da democracia liberal.

Estudiosos têm se debruçado sobre o fenômeno (Barsotti, 2023; Gehrke et al., 2023; Schuliaquer, 2022; Chagas e Cruz, 2022a; Roca e Gordillo, 2021; Henriques, 2021). A produção acadêmica até aqui, no entanto, tem majoritariamente privilegiado uma abordagem do jornalismo declaratório enquanto fenômeno textual, o que é perceptível pela verificação da Análise de Conteúdo como principal metodologia de pesquisa para estudar o objeto. O foco em como o jornalismo declaratório se revela enquanto texto nos afasta de outras perspectivas, que se aprofunde nas práticas profissionais e como estas se relacionam com o fenômeno.

Empreendemos, assim, uma pesquisa de caráter etnográfico (Robson e Metzler, 2015; Paterson, 2008; Travancas, 2005) de duas semanas em dois produtos jornalísticos digitais paraibanos, um blog político e um site de notícias, lançando mão de técnicas como observação participante (Lago, 2007; Peruzzo, 2005) e entrevistas em profundidade (Duarte, 2005). Acompanhamos o trabalho de jornalistas na redação e em coberturas externas por uma semana cada, de forma a obter uma perspectiva ampliada do processo.

O artigo está estruturado da seguinte forma: na fundamentação teórica, analisaremos a literatura sobre o conceito de jornalismo declaratório, a teoria das práticas e o que os estudos em jornalismo já vislumbram na relação entre o fenômeno estudado e a prática profissional. Em seguida detalharemos os aspectos metodológicos da pesquisa, assim como o campo estudado. Por fim, apresentaremos 16 pontos que consideramos intrinsecamente relacionados à forma como as declarações são notícias no contexto da cobertura política digital local paraibana, estruturados a partir dos seguintes elementos da prática: reflexividade, atividade, materialidade (Ahva, 2016; Ryfe, 2017) e relações de poder (Marocco, 2021).

2. O jornalismo declaratório e o estudo das práticas

Existe uma grande lacuna na formalização de um conceito do que seria de fato o jornalismo declaratório, o que se manifesta pela completa ausência de uma referência teórica expressiva sobre o tema e até na unificação de uma nomenclatura para o fenômeno, que aparece mundialmente a partir de termos como *journalism of assertion*, *periodismo de declaraciones* e *journalisme d'enregistrement*.

Algumas perspectivas entendem o jornalismo declaratório enquanto ausência de mediação, compreendendo casos onde o jornalista abdica de seu papel mediador e deixa que a

fonte se dirija ao público sem intervenções (Vázquez Bermúdez, 2006; Kovach e Rosentiel, 2010), o fenômeno também é visto como uma cobertura que privilegia as opiniões de fontes notórias (Munive, 2016; Bezunartea, 1998) ou como casos em que as matérias são construídas tendo apenas as declarações das fontes como base (Oliveira, 2020).

Trabalho anterior nosso (Araújo, 2023) defende que a classificação de uma matéria jornalística enquanto declaratória passa por cinco elementos essenciais: visibilidade e circulação; ausência de tensionamento da declaração pelo jornalista; percepção de nocividade da declaração ao debate público; o poder de influência da fonte junto à opinião pública e a relevância do tema abordado. “Estas dimensões se combinam de formas diversas, de modo que constroem no leitor a compreensão de que, naquele caso, o uso das citações pode mais prejudicar do que contribuir com o debate público” (Araújo, 2023, p. 12).

Diversos estudos brasileiros e internacionais se dedicaram a compreender o fenômeno a partir de perspectivas variadas como a identificação de como as declarações são noticiadas (Barsotti, 2023; Gehrke et al., 2023), a articulação complexa com as fontes pessoais de informação (Chagas, 2022; Schuliaquer, 2022); as características do fenômeno em determinados contextos (Chagas e Cruz, 2022a; Chagas e Cruz, 2022b; Araújo, 2022); a conexão com novas tecnologias e plataformas digitais (Roca e Gordillo, 2021); o impacto junto à audiência (Araújo e Teixeira, 2023); a relação com a objetividade jornalística (Henriques, 2021) e os prejuízos previstos (Melo, 2021). É notória, no entanto, a ausência de uma abordagem que busque entender o fenômeno enquanto prática, fortemente relacionada às rotinas de trabalho e às perspectivas profissionais sobre como fazer jornalismo e como as declarações devem ser e realmente são coletadas, selecionadas, tratadas e publicadas.

A teoria das práticas sociais entende a ordem social a partir da ideia de cognição coletiva e de conhecimento compartilhado, que permite também o compartilhamento de formas de significar o mundo (Reckwitz, 2002). Passa-se a tratar o social enquanto campo de práticas corporais e materiais entrelaçadas que se organizam ao redor de conhecimentos práticos compartilhados (Schatzki, 2001, p. 12, tradução nossa). A teoria das práticas segue um caminho particular por evitar a compreensão de que a ação humana possui uma base forte na racionalidade e na intelectualidade.

Schatzki (2001) trata as práticas como um nexos organizado de atividade. “Uma prática é primeiro, um conjunto de ações. [...]. Falando de forma geral, além disso, as ações que compõem uma prática são ambos fazeres corporais e dizeres ou ações que estes fazeres e

dizeres constituem” (Schatzki , 2001, p. 1). A prática como “nexo de fazeres e dizeres” não seria apenas compreensível para os agentes que a realizam, mas também para potenciais observadores da mesma cultura. “Uma prática é, portanto, uma forma rotinizada em que corpos são movidos, objetos são manuseados, assuntos são tratados, coisas são descritas e o mundo é entendido” (Reckwitz, 2002, p. 249, tradução nossa).

Ryfe (2017) avalia que os autores que se propõem a conceituar a prática não concordam precisamente sobre sua definição, mas defende ser possível estabelecer uma compreensão a partir da união de suas ideias.

Uma prática é (a) um conjunto de ações ou fazeres ou dizeres; (b) que são logicamente ligados um ao outro formando blocos de atividade; (c) pelo que são chamados de convenções, regras ou estratégias; (d) e se estendem no tempo, o que significa que as práticas persistem como conjuntos reconhecíveis de ações (Ryfe, 2017, p. 3, tradução nossa).

A prática ainda é constituída por uma série de elementos, formando um bloco cuja existência depende de sua conexão, mas que não é reduzida a nenhum deles (Reckwitz, 2002). Os elementos da prática são organizados de formas diferentes por diversos autores. Podemos ver algumas dessas categorias abaixo (TAB. 1):

TAB. 1: Elementos da prática

Ahva (2016)	Ryfe (2017)	Marocco (2021)
Reflexividade - Discurso auto-referencial. Seria dizer, descrever, nomear ou avaliar encenações.	Prática - Conhecimento compartilhado que é sensível aos demais atores envolvidos. Entendimento compartilhado do que fazer ou dizer.	-
Atividade - O agir, os modos como as pessoas se comportam, fazem coisas ou se movem.	Performance - Ação individual, sem a qual não existe prática, mesmo que o conhecimento compartilhado seja anterior ao indivíduo.	-
Materialidade - Objetos, ferramentas, tecnologias e lugares que são parte das práticas.	-	-
-	Ambiente - Se relaciona com a ideia de campo social. Atores do campo compartilham propósitos comuns que servem como cola social que interliga práticas.	-

-	Ordem e Mudança - Continuidades e transformações das práticas seja por lacunas nas regras ou por ação de grupos dominantes.	-
-	-	Relações de Poder - Procedimentos de controle que afetam a prática jornalística.

Fonte: Elaboração própria a partir de Ahva (2016), Ryfe (2017) e Marocco (2021).

Apesar de a pesquisa em torno do jornalismo declaratório ter sido, como vimos, pouco explorada a partir de uma análise empírica de suas práticas, alguns estudos trazem apontamentos que articulam o fenômeno a elementos da prática, considerando os saberes compartilhados, os valores profissionais, as pressões políticas e organizacionais e as transformações e conformações das rotinas produtivas.

A prática do jornalismo declaratório é relacionada, por vezes, a saberes e crenças profissionais que constituem parte da cultura jornalística, como os valores profissionais, (Postema e Deuze, 2020) e os fatores-notícia (Galtung e Ruge, 1999; Harcup e O'Neill, 2016). No que se refere aos valores profissionais, a prática do declaratório é geralmente relacionada à noção de objetividade (Vázquez Bermudez, 2006; Pingree, Brossard e McLoad, 2014) - aqui considerando a adesão a uma perspectiva de ritual estratégico (Tuchman, 1999) - e atualidade (Kovach e Rosentiel, 2010) - aqui focando principalmente no elemento imediatividade (Franciscato, 2003).

Outra forma de se pensar o declaratório sob a lógica do saber profissional é por meio dos fatores notícia, que guiam a seleção e construção da produção noticiosa. Para serem legitimados, no entanto, precisam ser profissionalmente compartilhados. Neste sentido, os autores articulam a prática do jornalismo declaratório a fatores como o conflito, escândalo, dramatização e personificação e polêmica (Munive, 2016; Bezunartea, 1998), além de pessoas de elite, hierarquia, proeminência e celebridades (Munive, 2016).

Também se associa o jornalismo declaratório às questões estruturais. Analistas acreditam que o enfraquecimento da estrutura das redações, com uma drástica redução das equipes, reduz a capacidade de produção qualificada e amplia a dependência de declarações (Munive, 2016; Oliveira, 2020; Pingree, Brossard e McLeod, 2014). Ainda no âmbito da estrutura, os equipamentos e ferramentas também são vistos como parte da questão. A onipresença do aparelho de celular na vida social e nas práticas profissionais atravessa o fazer

declaratório. O WhatsApp foi mais uma ferramenta que levou facilidade de contato entre jornalistas e fontes e permitiram avanços como o envio de áudios e vídeos para abastecerem reportagens de rádio e televisão (Gonçalves, 2018). As redes sociais, em especial o X, deram propulsão à difusão de declarações que são aproveitadas pelos jornalistas (Roca e Gordillo, 2021).

A falta de estrutura, entre outras questões, como as econômicas, levaria a uma adesão ainda mais ampla às sugestões de pautas feitas por assessorias de imprensa, colocando em ainda maior evidência as posições das fontes de notícia obtidas a partir de releases e coletivas de imprensa (Vázquez Bermúdez, 2009; Santamaría, 2010), naturalizando pseudo-fatos (Cruz e Chagas, 2020). Existe ainda uma articulação do jornalismo declaratório com a existência de pressões de nível organizacional e político, momento em que a linha editorial e os interesses empresariais passam a ter mais peso que os critérios jornalísticos, o que favorece determinados atores e suas visões (Munive, 2016; Vázquez Bermúdez, 2006).

3. Aspectos metodológicos

Para nos aprofundarmos nas práticas jornalísticas e em como elas dialogam com a construção de um jornalismo centrado nas declarações, optamos pelo uso da etnografia como metodologia. Paterson (2008) reforça que as práticas de produção no jornalismo digital moldam cada vez mais a nossa realidade compartilhada, sendo impossível compreender a natureza dessa realidade fabricada sem chegar ao cerne do processo de criação. A etnografia é um método de pesquisa qualitativa e empírica, que exige um ‘mergulho’ do pesquisador para um estudo descritivo de aspectos sociais ou culturais de um povo ou grupo social. Trata-se de uma metodologia criada e aperfeiçoada em pesquisas antropológicas e que buscam uma descrição densa de determinada cultura a partir de um intenso contato (Travancas, 2005).

Para realizar uma etnografia, o pesquisador precisa lançar mão de ao menos dois métodos essenciais: a entrevista em profundidade e a observação participante. Na observação participante o pesquisador se insere no ambiente onde ocorre o fenômeno que será investigado ou o grupo que será observado. Lá ele poderá compartilhar da situação vivida pelo grupo, cumprindo seus propósitos de investigação (Peruzzo, 2005). Para Lago (2007), é na observação participante que o pesquisador sai de sua cultura e entra na do grupo estudado.

A entrevista em profundidade é um método que busca encontrar respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, que é selecionada por possuir as informações buscadas pelo pesquisador. Trata-se de uma técnica qualitativa que, primeiro, explora as informações percepções e experiências do informante para, em seguida, analisá-las e apresentá-las de forma estruturada (Duarte, 2005). O autor explica que entre as principais qualidades do método está a flexibilidade de ajuste livre das perguntas por parte do entrevistador e a definição dos termos da resposta por parte do entrevistado. Lago (2007) defende que o ouvir, a partir das entrevistas em profundidade ou de conversas casuais, ajuda o pesquisador a compreender o sentido das ações que observa, assim como os significados específicos que o grupo que é observado atribui às suas ações.

Nossa etnografia foi colocada em prática em produtos jornalísticos digitais locais paraibanos, com foco na cobertura política. Consideramos que o jornalismo local possui um alto grau de afinidade com a prática declaratória, que se amplia por ser uma característica desse ecossistema a manutenção de uma relação estreita com os grupos políticos que estão no poder e que tendem a ser seus principais anunciantes. Estudar o jornalismo local pode nos trazer um prisma diferente das pesquisas que focam no mainstream, sem deixar de ter acesso a um material rico e que pode trazer respostas importantes para as nossas questões de pesquisa, uma vez que o jornalismo local também carrega valores e práticas do jornalismo tradicional, muitas vezes tentando reproduzir a grande-imprensa, tendências identificadas por Peruzzo (2005).

Veículos paraibanos foram escolhidos pelo entendimento de que a negociação seria facilitada pela relação já mantida pelo pesquisador com estes profissionais. Acreditamos ser relevante traçar um pouco de nossa trajetória profissional de forma a garantir a transparência do nosso posicionamento enquanto pesquisador, que está longe de ser um olhar externo, neutro e desvinculado do objeto de estudo. Finalizei minha graduação em jornalismo pela UFPB no ano de 2011 e desde então tive a oportunidade de trabalhar em dois jornais impressos como repórter de política, realizando principalmente a cobertura setorial da Assembleia Legislativa do Estado e do Governo da Paraíba. Ao longo dos últimos dez anos também atuei na assessoria de imprensa da Prefeitura Municipal de João Pessoa, a maior parte do tempo sendo responsável pela cobertura do Gabinete do Prefeito. Este currículo me colocou em contato permanente com a maior parte da imprensa do Estado, mantendo relações

profissionais com repórteres, colunistas, produtores, fotógrafos, cinegrafistas, entre outros profissionais.

Atuando dos dois lados do balcão, tanto enquanto repórter como enquanto assessor de imprensa, conheci bem o funcionamento de redações e da cobertura e organização de eventos como inaugurações, lançamentos de programas e serviços e coletivas de imprensa. Os profissionais com quem lidei durante a etnografia são, portanto, inevitavelmente colegas com quem já tive contato anterior, seja trabalhando junto na redação de um mesmo veículo, seja em atendimento enquanto assessor de imprensa, seja compartilhando uma cobertura enquanto repórteres de veículos concorrentes.

A escolha dos veículos a serem estudados buscou contemplar o ecossistema do jornalismo digital da Paraíba. Não existem dados oficiais disponíveis sobre o quantitativo de produtos jornalísticos digitais no Estado. A página Top Sites Paraíba, no entanto, um serviço que monta rankings de sites mais acessados na unidade federativa, possui pelo menos 440 produtos cadastrados, entre sites de notícia (315), blogs (95), sites especializados em esportes (19), além de páginas online de rádios e redes de televisão (11). Decidimos pela escolha de dois deles: sendo um blog e um site nativo digital de forma a observar a prática jornalística e sua relação com as declarações em cada site, verificar se as abordagens seriam diferenciadas a partir da comparação entre os distintos produtos.

Selecionamos os produtos considerando sua relevância na cobertura local e impacto no meio político (ambos os sites se encontram no top 10 entre os mais acessados do Estado em suas respectivas categorias no Top Sites Paraíba) e pela disponibilidade de acesso para realização da pesquisa. Entramos em contato com os jornalistas responsáveis por cada um dos veículos selecionados na segunda quinzena do mês de março, buscando iniciar a incursão em campo já no mês de abril. O contato foi feito por meio de Whats App, sem formalidades, e o pedido foi prontamente aceito pelos responsáveis, que concordaram com um acompanhamento presencial de uma semana (cinco dias úteis). Estivemos em campo de 15 a 19 e de 22 a 26 de abril de 2024. Durante o período realizamos a elaboração de um Diário de Campo que serviu como base para a posterior análise e interpretação dos dados.

Optamos pela omissão do nome dos produtos e pelo anonimato dos jornalistas envolvidos por achar que isso nos permite fazer análises mais completas e profundas sobre as

práticas observadas⁴. Faremos, portanto, uma descrição do perfil de cada um dos produtos, de forma que seja possível identificar seu posicionamento enquanto veículo jornalístico e, dessa forma, articular as observações feitas em campo também às suas próprias características.

3.1 O Blog

O Blog estudado é especializado na cobertura política e tem como foco a declaração e o bastidor. O produto foi criado em 2012 e conta hoje com equipe de duas pessoas: o jornalista responsável, que assina o blog e faz a cobertura de política, e um “redator”, que trabalha em home office, responsável pela alimentação do site a partir de material de assessoria ou de matérias de sites nacionais, além do conteúdo enviado pelo jornalista responsável durante o dia.

O blog tem como público alvo o campo político local. O objetivo, segundo o responsável, é ser conhecido e comentado na roda de políticos, assessores, jornalistas de política e outros profissionais do mundo político, que consomem a política local. O único dado sobre esse público é que se trata majoritariamente de homens entre 24 e 45 anos, moradores de João Pessoa. Não existe monitoramento de estatísticas, mas existe a medida de audiência a partir do Google Analytics. Considerando a última quinzena de março de 2024 e a primeira quinzena de abril, foram detectados 117 mil usuários únicos. O público diário seria de oito a nove mil pessoas.

O jornalista explica que a maior preocupação com métricas é a visualização dos banners de publicidade, já que o pagamento é feito a partir da visualização. Isso nos leva ao modelo de negócio, que é o tradicional, a partir de publicidade, a maior parte de órgãos públicos (Governo, Prefeitura, Assembleia e Câmara), além de “parcerias” com parlamentares em específico. Estas parcerias são firmadas a partir da chamada “publicidade de mandato”, na qual os parlamentares destinam verbas aos veículos jornalísticos para que estes divulguem seu trabalho. O pagamento da “publicidade de mandato” garante a publicação de material de interesse do parlamentar no blog.

A interface da *homepage* lembra a de um site noticioso, possuindo hierarquia visual com manchetes e destaques bem definidos e escolhidos de acordo com critérios jornalísticos.

⁴ A pesquisa foi submetida à análise de preceitos éticos por meio da Plataforma Brasil. A demanda foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética da Escola de Enfermagem da UFBA.

Não se trata, portanto, de um blog tradicional, cuja ordem das publicações é cronológica. O responsável, no entanto, faz questão de enfatizar que se trata de um blog por trazer sua personalidade no estilo de postagens e pelo nome do produto incluir o seu próprio, indicando uma assinatura e reforçando a ideia de autoria. Acompanhamos exclusivamente o trabalho do jornalista responsável, uma vez que seu redator, que possui formação em jornalismo, não possui autonomia para produzir conteúdo próprio e basicamente reproduz o que recebe das assessorias de imprensa ou o que colhe no noticiário nacional.

O acompanhamento foi feito do dia 15 ao dia 19 de abril de 2024. Neste período estive no escritório do jornalista (em sua casa), o acompanhei em coberturas na Câmara Municipal de João Pessoa, na Assembleia Legislativa da Paraíba, em um Centro de Inovação e no Batalhão de Policiamento de Choque da Polícia Militar da Paraíba. Estive ao seu lado na redação e estúdio da rádio para a qual trabalha e também tivemos a oportunidade de conversar em seu carro, durante deslocamentos entre estes locais. O acompanhamento em coberturas externas nos dois veículos nos permitiu ampliar o leque de profissionais observados, uma vez que tivemos acesso a espaços públicos de cobertura.

3.2. O site

O site surgiu em 2009, trazendo informações de política. O produto tinha foco nos três poderes e seu primeiro layout tinha as editorias: Executivo, Legislativo e Justiça. Por volta de 2014 passou a explorar mais o vídeo, quando foi criado um estúdio para produção interna de entrevistas e de pequenos programas. Em 2019 foi criado um programa próprio de rádio, um braço que amplia e diversifica o público, além de garantir a ampliação da divulgação do próprio site. Na mesma época é feita a inserção de blogs de política, que tinham como objetivo ampliar o volume de conteúdo e agregar um espaço de análise. O site passa a ser tratado como uma rede.

De acordo com sua apresentação oficial, disponível no próprio site, o produto tem foco em política, mas aliada à cobertura do cotidiano e de outras temáticas que se mostrem “de relevante interesse social e coletivo”. A equipe conta atualmente com dez integrantes. Além do fundador, trabalham o editor (ambos são sócios atualmente), dois repórteres internos, um repórter externo, dois estagiários, um comentarista da política sediado em Brasília, um operador técnico e uma funcionária administrativa.

Além de abastecer o site, a produção do dia também abastece o programa de rádio, apresentado pelo fundador e pelo editor diretamente do estúdio na redação. O programa é gerado por uma rádio de João Pessoa e transmitido em rede para todo o Estado por outras 25 emissoras, das 18h às 19h, e no YouTube por vídeo, o que significa que todo o conteúdo é produzido em formato audiovisual, como um telejornal. O modelo de negócio é baseado unicamente em publicidade pública e privada. O perfil do público que acessa o site espontaneamente é, segundo o editor, o do leitor de política.

Um público mais amplo é alcançado com a circulação dos links de notícias nas redes sociais. Todas as matérias postadas no site entram automaticamente no X com título e link. No Facebook entram automaticamente as postagens feitas no Instagram do site. O Instagram é a única rede social que tem conteúdo produzido de forma planejada, podendo tanto ignorar matérias do site, quanto contar com posts de conteúdos que não entram no site. Outra ferramenta essencial é o Whatsapp, onde os links são compartilhados em grupos e em um canal de transmissão.

De acordo com as métricas a que tivemos contato, o portal teve três milhões de acessos e 107 mil cliques dentro do site na segunda quinzena de março e primeira quinzena de abril de 2024. É sabido que 91% do acesso é feito pelo celular. Dentre as matérias mais clicadas estavam as com temáticas cotidianas, como notícias sobre chuvas, concursos públicos e pagamentos de servidores. Acompanhamos os trabalhos durante cinco dias úteis, de 22 a 26 de abril.

A maior parte do tempo estivemos na redação durante todo o horário de expediente. A permanência permitiu desfrutar também dos momentos de descontração e informalidade, como pausas entre os trabalhos e para o café. No acompanhamento externo estive na Assembleia Legislativa da Paraíba e em uma casa de eventos de grande porte, onde foi realizado um evento político. Observamos e entrevistamos em profundidade quatro profissionais, especificamente aqueles que fazem parte da cobertura política: o jornalista fundador, o editor, a repórter interna e o repórter externo.

4. A prática de noticiar declarações⁵

⁵ Devido ao espaço reduzido, optamos por fazer uma apresentação macro, focando nas conclusões da tese. Dessa forma, apresentaremos o resultado sem nos ater a exemplos mais específicos, trechos das entrevistas realizadas ou do nosso Diário de Campo.

Começamos nossa análise a partir da reflexividade, que de acordo com Ahva (2016) é identificada a partir do discurso dos praticantes e da forma como eles descrevem e explicam o que fazem. Está relacionada à noção de prática defendida por Ryfe (2017), que seria o conhecimento compartilhado entre os atores, um entendimento compartilhado do que fazer. Observamos que existem cinco noções principais compartilhadas na reflexividade dos profissionais estudados que interferem diretamente na forma como lidam com declarações:

- A entrevista como estratégia principal de apuração;
- A declaração enquanto objeto de realidade pleno;
- A citação como agregador de autoridade e comprovação de apuração;
- A centralidade da polêmica enquanto fator-notícia;
- A adesão ao uso da citação enquanto indicador de objetividade.

Nossa pesquisa identifica que existe uma ideia compartilhada de que fazer jornalismo é buscar declarações. A entrevista é vista, portanto, como a estratégia principal de apuração. Identificamos diversos casos em que a possibilidade de fazer uma entrevista e de encontrar múltiplas fontes foram decisivas na definição sobre cobrir ou não um evento. Os jornalistas querem fazer perguntas e extrair declarações para as suas publicações, não sendo verificada qualquer consulta a outros tipos de fonte, como documentos ou bancos de dados que possam agregar aos temas noticiados.

Fica claro, portanto, que os jornalistas encaram a declaração como um objeto de realidade (Seixas, 2009) pleno. Quero dizer: apesar de haver reflexões por parte de alguns jornalistas sobre a necessidade de enxergar a declaração como ponto de partida para a apuração, o fazer observado indica que os profissionais entendem a declaração como suficiente. Entende-se que basta dar a saber sobre o que se disse, ou basta construir uma narrativa baseada no que se disse sobre o tópico para se fazer jornalismo.

Seja como objeto de realidade (foco da notícia, presente no título), ou como elemento de construção no texto, a presença de uma declaração, ou seja, de uma citação, é entendida como essencial. A explicação imediata dos profissionais é que a declaração fortalece o texto. Há relatos de cobrança de superiores pela citação, mesmo quando o texto tem todas as informações sobre o evento que foi coberto. As aspas, nesse caso, conferem autoridade e

legitimidade ao texto (Zelizer, 1989). Mas mais do que isso, são comprovação da ação do jornalista. De que a informação foi buscada, pesquisada, apurada.

Enquanto os principais estudos sobre o jornalismo declaratório conceituam o fenômeno enquanto ausência de apuração, a reflexividade dos jornalistas apontam para uma compreensão oposta, de que a declaração é a prova da apuração, amplia a factualidade (Landert, 2015; Obiedat, 2006). Para buscar ou selecionar essas declarações, a polêmica aparece como um fator-notícia (Harcup e O'Neill, 2016) central. Comprovando o que outros autores haviam teorizado (Bezunarte, 1998; Vázquez Bermúdez, 2009; Munive, 2016), os jornalistas investem fortemente no combate, no confronto e nas provocações. A declaração polêmica tem preferência como manchete, ganha espaço de alta hierarquia nas homepages e circulação ampliada por meio das redes sociais. A força da polêmica enquanto critério tem dois motivos principais.

O primeiro, de caráter editorial, seria de que ao apostar na pauta polêmica, o jornalista consegue ir além da pauta institucional diariamente proposta pelos políticos por meio de releases de assessoria de imprensa ou da realização de pseudo-eventos. Dependentes do poder público como principal anunciante, estes veículos não realizam investigações, mas veem no destaque ao jogo político e às polêmicas uma forma de estabelecer pauta própria. A ideia de passividade é enfraquecida, já que há uma presença ativa na tentativa de estabelecimento de uma pauta e de impor temas.

O segundo motivo para a centralidade na polêmica tem caráter comercial: a atração da audiência. Os jornalistas entendem o conteúdo polêmico como o principal foco de interesse de seu público. A capacidade de reconhecer ou provocar declarações polêmicas, portanto, é vista como uma competência valorizada pelos leitores, capaz de fidelizar o acesso e ampliar o número de cliques, o que amplia sua capacidade de atrair publicidade.

Por fim, identificamos a adesão ao uso de declarações enquanto indicadoras de objetividade. Essa é uma função das citações apontadas pelo ritual estratégico da objetividade de Tuchman (1999) e já relacionada ao jornalismo declaratório, de forma crítica, em estudos anteriores (Vázquez Bermudez, 2006; Paes Henriques, 2020). Percebemos, no entanto, que mais do que apenas justificar o uso das declarações, a objetividade permanece como base de uma ideia de que elas não podem ser desafiadas, ou seja, tensionadas pelo jornalista. Mesmo que, ao serem diretamente questionados sobre isso, a maioria dos jornalistas defendam que é



papel do jornalismo se colocar diante de declarações problemáticas, não é isso que se identifica em sua atividade.

Outro elemento para análise da prática é a atividade, indicada por Ahva (2016), como o agir, a forma como as pessoas se comportam, fazem as coisas. Identificamos seis atividades rotineiras que nos permitem entender a forma como as declarações são coletadas, trabalhadas e publicadas pelos jornalistas, levando a um jornalismo visto como declaratório:

- Entrevistas informais e não mediadas;
- Roteiro de entrevista coletiva que escala do institucional ao jogo político;
- Perguntas que buscam principalmente respostas opinativas e interpretativas;
- Extração de comentários a partir de afirmativas;
- Ausência de tensionamento das declarações na entrevista e no texto;
- Fragmentação na publicação de contraditórios.

Nossa pesquisa identificou uma preferência dos jornalistas pelas entrevistas informais, principalmente presencialmente, mas também por telefone. Os repórteres se sentem mais à vontade para perguntar e insistir em perguntas para extrair respostas específicas, principalmente as de tom polêmico, que rendam a manchete do dia ou que gere desdobramentos com outros políticos.

As coletivas formais, mediadas por um assessor de imprensa que abre inscrições para perguntas e convoca os jornalistas a fazerem perguntas em um microfone, não agradam os profissionais pelo distanciamento que o modelo mais estruturado acarreta. O formato ainda impede que os jornalistas sigam o roteiro convencionado para estas entrevistas, que começa com perguntas sobre o tema do pseudo evento institucional e avança até chegar a perguntas voltadas ao jogo político. O formato “prepara” a fonte para as perguntas mais incômodas, uma vez que os profissionais já demonstraram interesse pelo tema institucional. O formato também garante que os profissionais de todas as mídias vão assegurar as declarações que precisam, atendendo seus critérios editoriais.

O modelo das perguntas realizadas reflete diretamente o interesse dos jornalistas pela polêmica e a ideia de que a declaração é um objeto de realidade pleno para os profissionais, como especificamos anteriormente. Os questionamentos feitos dificilmente buscam a obtenção de informações. São perguntas que exigem, principalmente, respostas de caráter

opinativo e interpretativo, como opiniões, avaliações, especulações e repercussões. O modelo de pergunta evidencia a intenção dos profissionais e o cumprimento de um planejamento. Como foi dito em algumas entrevistas, na maioria das vezes o jornalista vai ao pseudoevento sabendo exatamente que resposta quer obter.

Outro modelo de pergunta que reforça essa perspectiva é aquele em que o jornalista simplesmente faz uma asserção e pede uma confirmação do entrevistado, praticamente oferecendo uma resposta ao invés de uma pergunta. Essa atividade demonstra como a entrevista se torna um espaço não de esclarecimento, mas protocolar, de forma a obter a declaração que, como vimos, é entendida como obrigatória para a completude e qualidade da matéria para o público e para os seus superiores, assim como atende a expectativa de publicidade das ações por parte dos políticos que, por vezes, são também anunciantes.

Todas essas observações sustentam a nossa proposição de que o jornalismo declaratório é uma prática ativa. O jornalismo declaratório se apresenta como tal não por preguiça ou passividade, mas de forma proposital, instituída na prática profissional local. Os jornalistas cobrem a pauta política dessa forma por acreditarem que é assim que se faz jornalismo. Que a declaração é suficiente enquanto objeto de realidade, que a publicização dessas declarações cumpre o papel do jornalismo e supre a demanda da audiência.

É preciso, no entanto, fazer uma distinção. Acreditamos que o jornalismo declaratório é uma prática ativa por ser premeditada e resultado de um trabalho consciente e intencional do jornalista. Concordamos, no entanto, quando se aponta uma passividade no sentido de desafiar o conteúdo do que é dito pela fonte. É o que tratamos aqui como a ausência de tensionamento das declarações e que consideramos ser um elemento fundamental na caracterização dessa prática.

Em nossa observação, foram raros os momentos em que foi possível identificar tensionamento do que é dito pelas fontes, seja no momento da entrevista, seja na construção do texto. As matérias são, em sua quase totalidade, um relato sobre o que foi dito pelo político, com o filtro, é claro, das competências de seleção e hierarquização (Lage, 2005). Esse tensionamento é defendido pelos profissionais, que o colocam, inclusive, como antídoto ao jornalismo declaratório. Mas, na prática, não acontece. Esse pode ser um reflexo direto da dependência da publicidade institucional, como veremos a seguir ao falarmos das relações de poder estabelecidas entre o poder público e as organizações.

Por fim, destacamos como atividade diretamente articulada ao jornalismo declaratório a fragmentação da publicação de contraditórios. Isso significa que, na maioria das vezes, cada uma das fontes ouvidas sobre um tema, fato ou acontecimento, terá sua versão publicada em uma matéria individualmente. Os profissionais justificam que o volume de matérias gera mais cliques e amplia a audiência. As diversas versões, portanto, circulam de forma isolada, contrariando o preceito de pluralidade estimulado na cobertura jornalística e dificultando o acesso dos leitores a um conteúdo mais completo, plural e que dê conta da complexidade do que é noticiado.

A materialidade (Ahva, 2016) dá conta dos objetos, tecnologias e lugares envolvidos na rotina de trabalho. Aqui destacamos quatro pontos ligados à materialidade que consideramos relevantes na compreensão de como a prática está articulada como a forma que o jornalismo noticia declarações e na produção de um jornalismo declaratório:

- Gravação de entrevistas em vídeo pelo celular;
- Centralidade das redes sociais na circulação da produção;
- Compartilhamento de sonoras via WhatsApp;
- Facilitação do acesso às fontes pelas redes sociais;

As tecnologias estão presentes em todo o processo noticioso. Algumas dessas materialidades estão diretamente relacionadas à veiculação de declarações, a começar pela ampliação da presença da gravação em vídeo a partir de celular na cobertura de externas. A presença dos produtos estudados em diversas plataformas e mídias, torna essencial a gravação em vídeo das entrevistas.

A imagem reforça a presença da fonte no noticiário e a fragmentação da circulação, uma vez que as entrevistas passam a circular de forma isolada nas redes sociais. As ferramentas das redes estimulam compartilhamentos que, mais uma vez, contemplarão uma única versão sobre o tema, prejudicando a completude da informação e um entendimento qualificado pelo público.

Ainda no processo de apuração e levantamento de informações, o WhatsApp cumpre um papel fundamental ao facilitar o compartilhamento de sonoras. Pelo aplicativo, os jornalistas mantêm contato direto com colegas, fontes e assessores, podendo obter áudios de

entrevistas que não pôde participar ou solicitando sonoras exclusivas que são enviadas por assessores ou diretamente pela fonte, bem como informações de bastidores.

O posicionamento ativo das fontes também contribui, sendo comum o envio para os jornalistas, pelo WhatsApp, de sonoras em áudio ou vídeo, por vezes dispensando o envio de releases. As fontes também possuem presença ativa em seus perfis, gravando vídeos com denúncias, posicionamentos ou novas informações para o seu eleitorado. O espaço digital se torna, portanto, um ambiente de acompanhamento permanente, podendo render matérias e facilitando o acesso às declarações.

Por fim, trazemos um fator articulado às relações de poder, elemento da prática apontado por Marocco (2021):

- Dependência econômica do setor público

O poder público é o maior anunciante do jornalismo, o que gera uma grande dependência por parte dos produtos noticiosos. Além de veicular a publicidade paga pelo Governo do Estado, prefeituras e parlamentares, os veículos também divulgam de forma pouco criteriosa o conteúdo enviado por assessorias. O lugar do release está, portanto, garantido no noticiário, assim como o da opinião de determinados políticos quando estes entram em temas de forma estratégica. O espaço de publicidade muitas vezes se funde com o espaço editorial, sendo difícil para os leitores identificarem se a matéria foi produzida pelos profissionais do blog ou pela equipe própria da fonte. Essa relação de dependência impulsiona a presença dos políticos no noticiário e afasta qualquer possibilidade de um jornalismo investigativo. Denúncias ou qualquer outro conteúdo negativo só terão espaço a partir das declarações de outros políticos, em meios aos imbróglis inerentes ao jogo de disputa pelo poder e que geram a polêmica que alimenta o noticiário.

5. Conclusões

Este artigo teve como objetivo principal a identificação de como a existência de um jornalismo considerado declaratório está relacionada a elementos da prática profissional, apresentando as principais conclusões de tese de doutorado sobre o tema. Realizamos uma

pesquisa de abordagem etnográfica, que buscou na rotina de trabalho jornalístico constatar hábitos, procedimentos e modos de fazer cristalizados no cotidiano destes profissionais e que se manifestam no momento de coletar, selecionar, tratar e publicar declarações de fontes de informação. Chegamos, a partir de uma pesquisa etnográfica com veículos jornalísticos digitais locais paraibanos, a 16 elementos da prática que consideramos definidores sobre a forma como as declarações são noticiadas (TAB. 2).

TAB. 2: Elementos da prática no jornalismo declaratório

Reflexividade	● A entrevista como estratégia principal de apuração; ● A declaração enquanto objeto de realidade pleno; ● A citação como agregador de autoridade e comprovação de apuração; ● A centralidade da polêmica enquanto fator-notícia; ● A adesão ao uso da citação enquanto indicador de objetividade.
Atividade	● Entrevistas informais e não mediadas; ● Roteiro de entrevista coletiva que escala do institucional ao jogo político; ● Perguntas que buscam principalmente respostas opinativas e interpretativas; ● Extração de comentários a partir de afirmativas; ● Ausência de tensionamento das declarações na entrevista e no texto; ● Fragmentação na publicação de contraditórios.
Materialidade	● Gravação de entrevistas em vídeo pelo celular; ● Centralidade das redes sociais na circulação da produção; ● Compartilhamento de sonoras via WhatsApp; ● Facilitação do acesso às fontes pelas redes sociais;
Relações de poder	● Dependência econômica do setor público

Fonte: Elaboração própria

Os resultados nos permite dar um passo além na compreensão do fenômeno do jornalismo declaratório por associá-lo a compreensões e fazeres presentes no dia a dia da produção, o que situa a prática em um contexto temporal, político e cultural e admite uma abordagem que, apesar de crítica, não busque tratá-la unicamente como desvio deontológico da profissão. A pesquisa apresenta o jornalismo declaratório enquanto fenômeno ancorado nos modos como os profissionais pensam e exercem o jornalismo.

No nível da prática podemos, portanto, caracterizar o jornalismo declaratório enquanto *prática onde a declaração é vista como um objeto de realidade pleno pelos jornalistas, usada como agregador de autoridade, legitimação de apuração e indicador de objetividade, que se concretiza como estratégia de atração de audiência, utilizando a polêmica como principal fator-notícia, e que se manifesta desde o momento da apuração, seja por meio da entrevista, aqui um espaço de extração de declarações de caráter opinativo e interpretativo, sem qualquer questionamento do que é dito pela fonte, ou por meio da facilitação do acesso às sonoras ou às próprias fontes através das plataformas de rede social*. Não pretendemos propor este como um conceito hermético para o jornalismo declaratório. Nosso objetivo é estruturar a percepção de elementos que atravessam a prática em diversos níveis, complexificando e ampliando sua compreensão.

O artigo ainda defende a compreensão do jornalismo declaratório enquanto prática ativa, consciente e planejada, se diferenciando de abordagens que entendem o fenômeno enquanto resultado da passividade do jornalismo por falta de apuração. Entendemos que os profissionais são passivos ao abdicar do tensionamento ao que é dito pela fonte, mas agem ativamente ao impôr temas e cavar declarações que consideram noticiáveis.

É preciso destacar que o recorte local, apesar de trazer respostas importantes, pode ser uma limitação que impeça uma generalização dos resultados, sendo possível a identificação de novos elementos e o descarte de outros se objetivarmos a compreensão do mesmo fenômeno na mídia nacional *mainstream* por exemplo. Da mesma forma, o recorte de análise na editoria política revela ações e fazeres de um grupo específico de profissionais, que pela natureza da cobertura política podem assumir práticas que se diferenciam em níveis variados da reportagem em outros cadernos. Esta pesquisa buscou ampliar e complexificar as

discussões em torno do jornalismo declaratório, compreendendo a importância de analisar e refletir sobre as práticas jornalísticas no atual contexto político e social.

Referências

AHVA, Laura. Practice Theory for Journalism. **Journalism Studies**, 2016 DOI: 10.1080/1461670X.2016.1139464

ARAÚJO, Arthur e TEIXEIRA, Ailma. Jornalismo declaratório no Twitter: como os usuários reagem à reprodução de declarações de Bolsonaro com desinformação? **Galáxia** (São Paulo, online). v. 48, 2023, pp.1-22.

ARAÚJO, Arthur. Ao que nos referimos quando falamos em jornalismo declaratório? Uma análise de matérias “acusadas” de declaratórias no Twitter. **Anais do XX Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, Universidade Federal do Ceará, 9 a 11 de novembro de 2022.

BARSOTTI, Adriana. As mentiras de Bolsonaro e o jornalismo declaratório: como a imprensa contribuiu para ampliar a desinformação sobre o meio ambiente. **Eco-Pós**, v. 26, n. 1, p. 79-104, 2023.

BAVARESCO, Marcionize. The Social Legitimacy of Journalism in Brazil: theoretical elements for an analysis guided by Journalism Studies. **Brazilian Journalism Research**, 21(2), e1693. DOI: 10.25200/BJR.v21n2.2025.1693

BEZUNARTEA, Ofá. Uso y abuso de ‘declaraciones’: el vicio de la prensa. ZER: **Revista de Estudios de Comunicación**, p. 225 – 245, 1998.

CHAGAS, Luãn. Jornalismo declaratório e a naturalização dos fatos na seleção das fontes. **contemporanea| comunicação e cultura**, v. 20, n. 2, p. 50-67, maio/ago. 2022.

CHAGAS, Luãn; CRUZ, Márcio Camilo. Jornalismo declaratório na cobertura eleitoral e a dependência das fontes oficiais. **Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo**, v. 11, n. 2, p. 108-123, dez. 2022b.

CHAGAS, Luãn; CRUZ, Márcio Camilo. Rádio que virou partido: jornalismo declaratório e passividade na cobertura eleitoral do Jornal da Manhã da Jovem Pan. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 13, n. 2, p. 33-52, jan./abr. 2022a.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In.: DUARTE, J; BARROS, A. (Org.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. Cap. 4, pp. 62 a 83.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica** – Tese. 336 p. Salvador, 2003.

GALTUNG, Joan; RUGE, Mary. A estrutura do noticiário estrangeiro. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Veja, 1999, pp 61-73.

GEHRKE, Marília et al. All the President's Lies: How Brazilian News Media Addressed False and Inaccurate Claims in Their Titles. **Journalism Practice**, s. v., s. n., sem paginação, 2023.

GONÇALVES, Elisiane. **Telejornalismo na cibercultura: a incidência do jornalismo declaratório nas TVs de Campina Grande e sua operacionalidade através do WhatsApp**. 106 páginas. 2018. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-graduação em Comunicação, UFPB, João Pessoa, 2018.

HENRIQUES, Rafael Paes. A objetividade jornalística como utopia indispensável ou como referência controversa. **Conexão**, v. 20, n. 39, p. 31-51, jan./jun. 2021.

HARCUP, Tony; O'NEILL, Deirdre. What is news? **Journalism Studies**. 2016. DOI: 10.1080/1461670X.2016.1150193

KOVACH, Bill. e ROSENTIEL, Tom. **Blur: How to Know What's True in the Age of Information Overload**. New York, EUA: Ed. Bloomsberg, 2010.

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. São Paulo. Editora: Ática, 2005.

LAGO, C. Antropologia e jornalismo: uma questão de método. In.: LAGO, C; BENETTI, M. (Org.) **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. Cap. 2, pp. 48-66.

LANDERT, Daniela. Reportable facts and a personal touch: The functions of direct quotes in online news. In: ARENDHOLZ, Jenny; BUBLITZ, Wolfram & KIRNER-LUDWIG, Monika (eds.), **The Pragmatics of Quoting Now and Then**, 29–52. Berlin/Boston: De Gruyter. 2015.

LEPRI, Adil; BALTAR, Mariana. Populismo e melodrama: a intimidade em vídeo nas redes sociais de Jair Bolsonaro. **Revista Observatório**, [S. l.], v. 9, n. 1, 2023.

MANGEROTTI, Paulo; RIBEIRO, Vasco; GONZÁLEZ-ALDEA, Patricia. Populism, twitter, and political communication: an analysis of Jair Bolsonaro's tweets during the 2018 election. **BJR**, 2021, Vol. 17 - N. 3.

MAROCCO, Beatriz. Outra via para interrogar as práticas jornalísticas. **Galáxia** (São Paulo, online), <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2553202150598>. Nº 46, 2021, pp.1-17.

MELO, Clébio. Jornalismo Declaratório no Jornal Nacional e a disseminação de preconceitos em horário nobre de Tv. **Revista Temática**, 2021, ano XVII, N. 04.

MUNIVE, Mario. Periodismo de declaraciones: Cuando la prensa renuncia a ser el lugar de los hechos. **Revista Conexión**, 5 (6), 2016, pp. 43-57.

OBIEDAT, Nawaf. The pragma-ideological implications of using reported speech: the case of reporting on the Al-Aqsa intifada. **Pragmatics** 16:2/3. pp.275-304 (2006).

OLIVEIRA, Israel. **Jornalismo declaratório**. São Paulo: Editora Casa Flutuante, 2020. 1ª edição.

ORTELLADO, Pablo; RIBEIRO, Márcio; ZEINE, Leonardo. Existe polarização política no Brasil? Análise das evidências em duas séries de pesquisas de opinião. **Revista Opinião Pública**, Campinas, vol. 28, nº 1, pp. 62-91, jan.-mar., 2022.

PATERSON, C. 'Introduction: Why ethnography?', in Chris Paterson and David Domingo (eds) **Making Online News: The ethnography of new media production**, Vol. 1, New York: Peter Lang. pp. 1–11. 2008.

PERUZZO, C. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005.

PERUZZO, C. Observação participante e pesquisa-ação. In.: DUARTE, J; BARROS, A. (Org.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. Cap. 8, pp. 125-145.

PINGREE, Raymond; BROSSARD, Dominique; MCLEOD, Douglas. Effects of Journalistic Adjudication on Factual Beliefs, News Evaluations, Information Seeking, and Epistemic Political Efficacy. **Mass Communication and Society**, 2014, 17:5, pag. 615-638, DOI: 10.1080/15205436.2013.821491.

Postema, S; Deuze, M. Artistic Journalism: Confluence in Forms, Values and Practices. **Journalism Studies**, 2020. 21(10), 1305–1322.
<https://doi.org/10.1080/1461670X.2020.1745666>

RECKWITZ, A. Toward a Theory of Social Practices: A Development in Culturalist Theorizing. 2002. **European Journal of Social Theory** 5 (2): 243–263.

REGATTIERI, Lorena. A Propaganda Desinformativa no Projeto de Destruição Nacional Bolsonarista: A desinformação como estratégia de governo na agenda socioambiental durante a presidência de Jair Bolsonaro (PL), 2023. **Revista Eco-Pós**, 26(01), 105–139.

ROCA, Rubén; GORDILLO, Mar. Tuits políticos como nuevo ejemplo de periodismo cínico basado en declaraciones. Un estudio comparativo del avance de la extrema derecha en Andalucía. **Textual & Visual Media**, 14, 2021, p. 80-101.

RYFE, David. A practice approach to the study of news production. **Journalism**, 1–17, 2017.

SANTAMARÍA, José Vicente García. Crisis del periodismo de fuentes. Las prácticas del periodismo em España em el cidente de Spanair. **Revista Latina de Comunicación Social**, s. v., n. 65, p. 516-537, 2010.

SCHATZKI, T. Introduction: Practice Theory. In: SCHATZKI, T.; CETINA, K.; SAVIGNY, E. **The Practice Turn in Contemporary Theory**, 2001a, 10–22. London: Routledge.

SCHULIAQUER, Iván. (2022). Comunicación política en Uruguay. El gobierno de José Mujica, los medios y el periodismo. **InMediaciones de la Comunicación**, 17(1), p. 55-79.

SILVA, Luiz Rogério; SAMPAIO, Rafael; BOTELHO-FRANCISCO Rodrigo. Discurso de ódio nas redes sociais digitais: tipos e formas de intolerância na página oficial de Jair Bolsonaro no Facebook. **Galáxia**, Nº 46, 2021, pp.1-26.

TRAVANCAS, I. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In.: DUARTE, J; BARROS, A. (Org.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. Cap. 6, pp. 98-109.

TUCHMAN, Gaye. Objectividade como Ritual Estratégico: Uma Análise das Noções de Objectividade dos Jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Pontinha: Vega, 1999. p. 59-78.

VÁZQUEZ BERMÚDEZ, Miguel. **Noticias a la Carta: Periodismo de declaraciones o la imposicion de la agenda**. Sevilla, Zamora - 2006.

ZELIZER, Barbie. "Saying" as Collective Practice: Quoting and Differential Address in the News. **Text & Talk**, 1989, 9 (4), pp. 369-388.